

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições 6



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições 6



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>A educação no Brasil e no mundo [recurso eletrônico] : avanços, limites e contradições 6 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (A Educação no Brasil e no Mundo. Avanços, Limites e Contradições; v. 6)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-966-0 DOI 10.22533/at.ed.660202301</p> <p>1. Educação. 2. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ítaca

Se partires um dia rumo à Ítaca

Faz votos de que o caminho seja longo repleto de aventuras, repleto de saber.

Nem lestrigões, nem ciclopes, nem o colérico Posidon te intimidem!

Eles no teu caminho jamais encontrarás.

Se altivo for teu pensamento

Se sutil emoção o teu corpo e o teu espírito tocar

Nem lestrigões, nem ciclopes

Nem o bravio Posidon hás de ver

Se tu mesmo não os lewares dentro da alma

Se tua alma não os puser dentro de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.

Numerosas serão as manhãs de verão

Nas quais com que prazer, com que alegria

Tu hás de entrar pela primeira vez um porto

Para correr as lojas dos fenícios e belas mercancias adquirir.

[...] Tem todo o tempo Ítaca na mente.

Estás predestinado a ali chegar.

Mas, não apresses a viagem nunca.

Melhor muitos anos lewares de jornada

E fundeares na ilha velho enfim.

Rico de quanto ganhaste no caminho

Sem esperar riquezas que Ítaca te desse. [...]

(KAVÁFIS, 2006, p. 146-147)

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que

atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter

de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha do sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PRÁTICAS DE ORALIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Elaine Kendall Santana Silva Nataniele Fernandes dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.6602023011	
CAPÍTULO 2	15
PRODUÇÃO DE VÍDEOS E CONFECÇÃO DE MAQUETES: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA AULA DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO	
Luzia Gomes Lira Irlei Gomes de Oliveira Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.6602023012	
CAPÍTULO 3	25
PRODUÇÃO SONORA, SEMIÁRIDO E POLÍTICA: OS SPOTS PRODUZIDOS PELA ARTICULAÇÃO SEMIÁRIDO BRASILEIRO – ASA EM 2016	
Anaelson Leandro de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.6602023013	
CAPÍTULO 4	35
PROJETOS DE APRENDIZAGEM E GAMIFICAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR	
Anibal Lopes Guedes Fernanda Lopes Guedes Eliane Schlemmer	
DOI 10.22533/at.ed.6602023014	
CAPÍTULO 5	52
QUEIMADAS NO ACRE: UM PROBLEMA DO VERÃO AMAZÔNICO	
Lívia Fernandes dos Santos Fernando Neri de Arruda Jordana Souza Paula Riss	
DOI 10.22533/at.ed.6602023015	
CAPÍTULO 6	59
REDAÇÃO DE SURDOS: UMA JORNADA EM BUSCA DA AVALIAÇÃO ESCRITA	
Maria do Carmo Silva Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.6602023016	
CAPÍTULO 7	63
RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA ELPÍDIO BARBOS AMACIEL EM SÃO BENTO DO UNAPE: O CASO DA CLASSIFICAÇÃO DO RELEVO BRASILEIRO SEGUNDO JURANDYR ROSS	
Josenildo Odilon de Lima Lindhiane Costa de Farias Manoel Felix da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6602023017	

CAPÍTULO 8	66
RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A UTILIZAÇÃO DO KAHOOT COMO FERRAMENTA INTERATIVA PARA O ENSINO APRENDIZAGEM	
Sandra Rosimere Hermes dos Santos Eronice Rodrigues Francisco Sérgio Santos Silva Filho	
DOI 10.22533/at.ed.6602023018	
CAPÍTULO 9	71
RETRATOS DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL EM ITABIRITO/MG	
José Erildo Lopes Júnior Marcos Gonzaga	
DOI 10.22533/at.ed.6602023019	
CAPÍTULO 10	84
ROTA ACESSÍVEL – DIRETRIZES DE PROJETO DE REFORMA/ADAPTAÇÃO ESCOLAR	
Gabriel Moraes de Bem Aryane Spadotto Jorge Armino Sell Roberta Costa Ribeiro da Silva André Gustavo Müller Giovana Gonçalves Gustavo Gabriel Hoffmann Lana Stefany Neves Izidro Luis Felipe Borges Sabrina Thiem	
DOI 10.22533/at.ed.66020230110	
CAPÍTULO 11	88
SALA DE AULA INVERTIDA (ADAPTADA): FACILITADORA DO PROCESSO DE ENSINOAPRENDIZAGEM DE QUÍMICA	
Renata Gonçalves da Mata Costa	
DOI 10.22533/at.ed.66020230111	
CAPÍTULO 12	97
SELEÇÃO DE MATERIAIS A PARTIR DA ANÁLISE MICROESTRUTURAL: A APRENDIZAGEM PELA PRÁTICA E A DIDÁTICA PROFISSIONAL	
Eduardo do Nascimento Karasinski	
DOI 10.22533/at.ed.66020230112	
CAPÍTULO 13	105
SENTIDOS RETÓRICOS NAS LETRAS ALEMÃS DO MEDIEVO: CAMINHOS PARA A INTERPRETAÇÃO RETÓRICA DOS ROMANE CAVALEIRESCOS EM MÉDIO ALTO ALEMÃO (<i>MITTELHOCHDEUTSCH</i>)	
Marcus Baccega	
DOI 10.22533/at.ed.66020230113	

CAPÍTULO 14 113

SOROBAN COMO INSTRUMENTO TECNOLÓGICO DE APRENDIZAGEM MATEMÁTICA NA EJA

Isnaele Santos da Silva
Simone Maria Chalub Bandeira Bezerra
Salete Maria Chalub Bandeira
Denison Roberto Braña Bezerra
Mário Sérgio Silva de Carvalho
Everton dos Reis Araújo
Andrea Bastos dos Santos
Conceição Lima da Silva

DOI 10.22533/at.ed.66020230114

CAPÍTULO 15 123

STRATEGOS- O JOGO DIGITAL COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DE EGRESSOS DE ENGENHARIA

Marcos Baroncini Proença
Dayse Mendes
Fernanda Fonseca
Viviana Raquel Zurro
Luciano Zurro Stelle

DOI 10.22533/at.ed.66020230115

CAPÍTULO 16 130

TEORIA HUMANISTA, TEORIA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E TEORIA DA INSTRUÇÃO PRESCRITIVA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO CONTEMPÔRANEA

Elivania Toledo Rodrigues
Silvana Mara Lente
Odenise Jara Gomes
Vania de Oliveira Silva
Elisangela de Oliveira Silva
Solange Teresinha Carvalho Pissolato
Marinalva Pereira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.66020230116

CAPÍTULO 17 140

TRADUÇÃO E ALTERIDADE NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: UMA ABORDAGEM NO ENSINO DE LE A CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RISCO SOCIAL

Rosanne Castelo Branco

DOI 10.22533/at.ed.66020230117

CAPÍTULO 18 149

TRANSDISCIPLINARIDADE E NEUROCIÊNCIA DA APRENDIZAGEM EM UM CONTEXTO DE HORTA ESCOLAR

Nágila Maria Silva Oliveira
Roberto Mamedio Bastos
Kelly Cebelia das Chagas do Amaral

DOI 10.22533/at.ed.66020230118

CAPÍTULO 19	154
TRANSPORTE SUSTENTÁVEL E FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CICLISMO NO ENTORNO DO PARQUE ESTADUAL DO PROSA (PEP) EM CAMPO GRANDE/MS	
Guilherme Pires Veiga Martins Edson Pereira de Souza Icléia Albuquerque de Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.66020230119	
CAPÍTULO 20	169
UM ESTUDO SOBRE A TRAJETÓRIA DE JOVENS ESTUDANTES: TRABALHO, IDENTIDADE, AUTORIA E SEUS SILENCIAMENTOS	
Alexandra Tagata Zatti Tânia Regina Raitz Kátia Regina Hillesheim	
DOI 10.22533/at.ed.66020230120	
CAPÍTULO 21	178
VIAGEM NOS MAPAS	
Lia Margot Dornelles Viero Elsbeth Léia Spode Becker Natália Lampert Batista	
DOI 10.22533/at.ed.66020230121	
CAPÍTULO 22	192
INOVAÇÃO NOS CARDÁPIOS DA ALIMENTAÇÃO ESCOLAR DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS/SC	
Vanessa Fernandes Davies Marcela Kruger Correa Emanoelle Nazareth Fogaça Marcos Nicole Pelaez	
DOI 10.22533/at.ed.66020230122	
CAPÍTULO 23	203
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO AMBITO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Silvana Mara Lente Odenise Jara Gomes Vania de Oliveira Silva Elisangela de Oliveira Silva Solange Teresinha Carvalho Pissolato Marinalva Pereira dos Santos Elivania Toledo Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.66020230123	
CAPÍTULO 24	214
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO: UM RELATO DA RECEPÇÃO DO POEMA DO AUTOR CRAVEIRINHA, COMO SUBSÍDIO PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA E DOS PROCESSOS IDENTITÁRIOS EM MOÇAMBIQUE	
Altair Sofientini Ciecowski	

Amarildo Bertasso

DOI 10.22533/at.ed.66020230124

CAPÍTULO 25 220

MÉTODOS INOVADORES NO PROCESSO DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE:
UMA ANÁLISE COM TURMAS DOS 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE
COMUNIDADES CARENTES NO ENTORNO DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA - PA

Danilo Marcus Barros Cabral

DOI 10.22533/at.ed.66020230125

CAPÍTULO 26 228

CORPOS-TEXTO NA IMENSIDÃO DE HISTÓRIAS INCOMPLETAS: A SEXUALIDADE
COMO DISPOSITIVO DE SENTIDOS

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Luiz Henrique Moreira Soares

Heitor Messias Reimão de Melo

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Maria Regina Momesso

Débora Cristina Machado Cornélio

Andreza de Souza Fernandes

Monica Soares

Carlos Simão Coury Corrêa

Valquiria Nicola Bandeira

DOI 10.22533/at.ed.66020230126

SOBRE A ORGANIZADORA..... 245

ÍNDICE REMISSIVO 246

UM ESTUDO SOBRE A TRAJETÓRIA DE JOVENS ESTUDANTES: TRABALHO, IDENTIDADE, AUTORIA E SEUS SILENCIAMENTOS

Data de aceite: 02/01/2020

Alexandra Tagata Zatti

Universidade do Sul do Vale do Itajaí – UNIVALI –
Programa de Pós-Graduação em Educação
Itajaí – Santa Catarina

Tânia Regina Raitz

Universidade do Sul do Vale do Itajaí – UNIVALI –
Programa de Pós-Graduação em Educação
Itajaí – Santa Catarina

Kátia Regina Hillesheim

Orientadora Educacional - EBM Herondina
Medeiros Zeferino
Florianópolis – Santa Catarina

RESUMO: O presente artigo é o recorte dos estudos de tese em andamento que discute os processos de autoria na constituição das identidade(s) dos jovens em formação universitária e traz no bojo das questões, a visão dos jovens 'sobre' os impeditivos se há, através das mudanças no cenário contemporâneo de nossa sociedade, bem como compreender as mudanças no campo de formação, nas relações com o trabalho e nos modos de se fazerem autores de suas trajetórias na complexa sociedade que vivemos. Para tanto, desejamos compreender a visão dos jovens sobre a forma de condução de seus processos formativos no exato momento em que inúmeros impeditivos

que silenciam suas trajetórias formativas e profissionais são impostos pela sociedade. Parte do estudo é acompanhado por recortes do documentário “La Educación Prohibida (2012), que critica os ‘modos’ e os “moldes’ de se fazer educação espalhados pelo mundo. Uma discussão atual retratada através das expectativas trazidas pelos jovens formandos a partir das experiências que experimentam para se inserir em sua área de atuação e nos processos de inserção profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens. Trabalho. Identidade. Autoria. Silenciamentos.

A STUDY ON YOUTH STUDENTS 'PATH: WORK, IDENTITY, AUTHORSHIP AND THEIR SILENCES

ABSTRACT: The present article is the clipping of the ongoing thesis studies that discusses the processes of authorship in the constitution of the identity (s) of the university graduates and brings in the midst of the questions, the young 'view' about the impediments if there is, through of the changes in the contemporary scenario of our society, as well as to understand the changes in the field of formation, the relations with work and the ways of making authors of their trajectories in the complex society we live. To this end, we want to understand the view of young people on how to conduct their formative

processes at the very moment when numerous impediments that silence their formative and professional trajectories are imposed by society. Part of the study is accompanied by clippings from the documentary 'La Educación Prohibida (2012)', which criticizes the 'ways' and 'molds' of education around the world. A current discussion portrayed through the expectations brought by the young graduates from the experiences they experience to insert themselves in their area of activity and in the processes of professional insertion methodologically.

PALAVRAS-CHAVE: Young. Job. Identity. Authorship. Silences.

1 | INTRODUÇÃO

Os estudos sobre jovens ou “juventudes” atravessam o tempo, encontramos inúmeras discussões sobre os jovens nos dias de hoje, quem são os jovens e como transitam nos espaços sociais: escolas, igrejas, espaços de labor, academias, etc. Desta forma, questionamos de que forma os cenários mundiais e locais definem os sujeitos jovens? Alguns estudos mais atuais têm apresentado questões pertinentes sobre o alargamento etário da juventude definindo, assim, a demarcação da “permanência quanto a situação de jovens nos campos da educação, do trabalho e da vida familiar.” (SPOSITO, 2018, p.41). E neste campo, tal demarcação de transições e da inclusão destes jovens os coloca num rol privilegiado para o fomento de discussões em várias áreas.

Os fatores que interferem na transição acadêmica e laboral, período compreendido entre a formação escolar dos “jovens” pertencentes ao Ensino Médio e os que migram para a formação universitária, têm adquirido importância em várias perspectivas e tipologias de pesquisas. Neste contexto e na circularidade que o termo juventude(s) alcança no disposto deve ser visto no plural, pois encontra estreita relação com muitos jovens de/em vários segmentos no campo formativo e profissional. Nesta perspectiva, o presente texto é um recorte integrante dos estudos de tese de doutorado intitulada: “A constituição das identidade(s) profissionais de jovens universitários: processos de autoria e silenciamento, e faz parte das inúmeras discussões do grupo de pesquisa “Educação e Trabalho”, vinculado ao curso de pós-graduação em Educação da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI.

Este texto tem como objetivo investigar a percepção de estudantes em formação, no curso de Pedagogia de uma universidade localizada na região oeste de Santa Catarina, sobre os processos de constituição identitária profissional, a partir do desenvolvimento do sujeito jovem e como este se torna autor, no momento em que inúmeros impeditivos silenciam suas trajetórias formativas e profissionais impostas pela sociedade.

O estudo de caráter qualitativo traça uma análise substancial com relação aos

processos identitários e demarca os espaços de atuação destes jovens, se há. A pesquisa na esfera do curso implica em reforçar a necessidade de repensar práticas educativas em que o afeto, cuidado, flexibilidade e as competências linguísticas e orais contribuam para superar os silenciamentos e ampliar o repertório cultural dos sujeitos ao longo de seu percurso formativo e autoral.

Toda discussão que envolve muitos pares acaba se tornando uma fonte inesgotável de possibilidades em falar, debater e instigar mudanças pensadas para os jovens. Nesta perspectiva, trazemos autores como: Dubar (2009); Rocha-de-Oliveira e Piccinini (2012); Raitz & Silva (2014); Hall (2019), Melucci (2001,2007); Pais (2003), Sposito (2018), entre outros, para discutir conosco sobre os processos de identidade e seus impeditivos no exercício de desenvolvimento da autoria, bem como no contexto das vivências sociais.

É importante salientar que estes autores contribuem para aproximações e distanciamentos, portanto, são risíveis na compreensão de que em alguns momentos a identidade do estudante(a) sofre o impedimento do exercício de sua autoria, isso representa, de que em alguns momentos seu processo educativo possa ter sido silenciado.

No processo de análise foi possível perceber a existência de uma relação antagônica entre “ser ou não ser, eis a questão?”, e perceber na crítica e nas discussões aquilo se pretende mascarar diante da formação e da área de atuação, além da omissão e da irresponsabilidade por meio das políticas públicas voltadas para a educação, também o descaso, a desvalorização da mão-de-obra e falta de incentivos para o sucesso e o exercício das profissões.

2 | JOVENS ESTUDANTES, PERCURSOS SOCIAIS EM FOCO

Os processos de formação dão-se a conhecer, do ponto de vista do aprendente, em interações com outras subjetividades. Os procedimentos metodológicos, se preferirmos, as práticas de conhecimento postas em jogo numa abordagem intersubjetiva dos processos de formação, sugerem a oportunidade de uma aprendizagem por meio do qual a formação se daria a conhecer [...] o que faz a experiência formadora é uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: saber-fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação, técnica e valores num espaço tempo que oferece a cada um oportunidades. (JOSSO, 2004, p.39)

Ao nortear, mediar e tecer compreensões sobre o percurso vivido pelos estudantes em formação no curso de Pedagogia foi percebendo durante a pesquisa como ocorreram os processos de constituição identitária no que se refere à autoria e os silenciamentos impostos, este fato nos levou a escolha por jovens em formação universitária, por si só, não foi “uma escolha arbitrária em nossa abordagem” (BORDIEU, 1983).

De acordo com Pais, (2003, p.30) progressivamente, os problemas dos jovens

foram aumentando no percurso da história. Para o autor a “instabilidade associada a determinados ‘problemas’ sociais não contornados por eles acaba gerando desconfortos e riscos de serem chamados de irresponsáveis ou desinteressados.” Os ‘problemas’ sociais são a expressão da negação e do retrocesso conflitante na história. Neste sentido, Sposito (2018) comenta:

A produção de novas expectativas de consumo, as mudanças nas relações de gênero, a busca pelo reconhecimento das identidades étnico-raciais e das orientações afetivo-sexuais, o incremento de formas mais igualitárias nas interações sociais no espaço público, de modo a estabelecer a aceitação das diferenças, não serão eliminados facilmente e poderão ser traduzidos em novas demandas. (SPOSITO, 2018, p.4)

Bem sabemos que este é o espaço destinado pela sociedade, um cenário em que os jovens são os atuais representantes no cenário social. Os jovens “saem dos porões, acordam de um sono profundo” e ocupam na riqueza de seu tempo, espaços sociais cada vez mais habitados (KEHL, 2004, p.23). A juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e como tal um tipo de representação, enfrenta mudanças psicológicas, e varia na forma como cada sociedade, em um tempo histórico é determinada (PERALVA, 1997).

Para Melucci (2001, p.33), “todas as sociedades e seus agentes vão produzindo representações, mais ou menos elaboradas e com capacidades específicas em dizer-se” e, nesta perspectiva, assumem o papel de mudança da sociedade no exato momento que vivemos. Intrinsecamente, neste modo de dizer-se e se fazerem presentes como atores de mudança, o “conhecimento e a ação vão se desenvolvendo se retroalimentando a partir de espaços de formação” como a universidade, a família, a cultura, a religião e o trabalho. Nesta perspectiva, cada sociedade e cada época constroem sua própria representação temporal de juventude. É este jovem que segundo Raitz (2003) constrói sua identidade a partir das experiências que coadunam com as transformações em curso na sociedade contemporânea,

Jovens que encontram no desenvolvimento de suas ações e experiências numa nova concepção como sujeitos de direitos, não sejam só ouvidos para subsidiar políticas para si próprios, mas sobretudo que ‘assumam’ programas, atividades, ações como também responsáveis e não só executores, mas sujeitos de ‘autoria’. (RAITZ, 2003, p. 02)

Esse cenário de desenvolvimento é marcado por novas e maiores exigências no que se refere à “preparação para o trabalho” e como tal há o consenso de que uma “formação geral é demandada por novos processos produtivos e da base informacional que marca a sociedade contemporânea.” (RAITZ, 2003, p.110). Em função disso, parte de nossos ‘atores’ escolhidos para a pesquisa pertencem a um grupo de discussão reflexiva, os jovens, que são “protagonistas” do documentário La

Educación Prohibida (LEP), do autor e diretor Germain Doín e de Verônica Guzzo, além dos jovens brasileiros em formação acadêmica do curso de Pedagogia de uma Universidade no oeste catarinense, que almejam uma educação sem vínculos proibitivos relacionados a aprendizagem e a atuação no mercado de trabalho.

A utilização de documentários para estudar determinados públicos e assuntos auxilia e viabilizam discussões mais aprofundadas, um destes achados para a educação é o “La educación Prohibida – LEP” para pensarmos a realidade. O LEP, tem teor *quase* crítico, questiona os modelos pedagógicos existentes, traz a filosofia e começa pelo “Mito da Caverna”, clássico da filosofia para mostrar as “novas” proposições didáticas visíveis na escola e na universidade que temos na atualidade e no seu modo de flexibilizar o ensino por meio dos modelos educativos preparando “perfis” nem sempre tão distintos para o mercado de trabalho.

Sobre estes perfis entendemos neste “trajeto” que emerge fortemente a questão da identidade pelo trabalho. De acordo com Raitz (2003, p.60) a identidade não se resume aos sujeitos que têm como preocupação essencial a sobrevivência, como nosso estudo vem demonstrar. Para a autora,

isto também não significa dizer que o trabalho é um universo único de inclusão para a juventude, até porque entre os jovens investigados as formas associativas revelam também traços identitários, que ultrapassam o mero rendimento ou apenas o se fazer pelo trabalho, bem como incorporam outras dimensões de trabalho, sociabilidade e lazer, neste caso aquele que mantém características voluntárias, formas solidárias de viver e interagir com o outro.(RAITZ, 2003, p.60)

Os ‘modelos’ (escola democrática, escola de pais, pedagogia 3000, homeschooling, etc) mesclados ou combinados com linhas pedagógicas gerais da educação reproduzem mundialmente os perfis desejados para o mundo do trabalho e este condicionante ‘escolha’ reverbera na onda e na realidade de muitos países.

Deste modo, o LEP faz todo um percurso com pesquisadores do mundo todo, para dialogar, questionar e sugerir novas possibilidades educativas, afim de provocar análises sobre a relação discursiva com os não-ditos (silenciamentos) de uma educação proibida, em que práticas e a “relação de poder são tecidas por vários outros discursos e modos de constituir-se discurso” no campo do conhecimento e da educação (FOUCAULT, 2011).

Eixos discursivos que o autor diz se materializar como uma categoria para gerar conhecimento moldando e justificando as relações de poder e de constituição do sujeito. Estas discussões subjetivas demonstram que é possível examinar regimes de poder na dicotomia inserção-exclusão ao mercado de trabalho e nos modos e condições de produção existentes do ensino; que não se estreita apenas na mudança de um modo de aprender e de se tornar sujeito, envolve fortemente os processos identitários que convivem na incerteza e nos desalinhos sociais e

avançam para outros espaços como família, cultura, religião (ROCHA-DE-OLIVEIRA & MENICUCCI, 2012; RAITZ, 2003).

Zatti e Raitz (2018) consideram ainda a expressiva força que exercem as práticas educativas: informais ou não-formais na relação pedagógica, esta forma de sistematizar o ensino possui uma relação estrutural, como ocorre nos movimentos sociais, nos meios de comunicação de massa, em locais de lazer como museus, teatros, igreja, etc. Apesar da “baixa sistematização”, a educação não-formal intercambia com a educação na “ânsia” de poder validar suas práticas através daquilo que já se encontra institucionalizado, pois possui métodos de ensino, conteúdos, procedimentos didáticos e que se encontra apenas nos ambientes de ensino, não avança para outros espaços.

Esta sistematização e controle é decorrente de processos políticos de ordem hegemônica, é uma exigência e imposição para que haja o equilíbrio das comunidades, e uma educação controlada. Seu rompimento está em favor da supremacia do conhecimento. O conhecimento que passa a ser controlado e regulado, não permite que haja um avanço emancipatório rumo a autoria, prevalecendo o veto.

Conforme Pais (2003, p. 31), “a emancipação dos jovens tradicionalmente vem sendo encarada e marcada como uma fase de vida por certa instabilidade referente a determinados problemas sociais”. No decorrer do tempo, os jovens que vão assumindo “papéis sociais do tipo: ocupacional, familiar ou conjugal ou habitacional passam com estas responsabilidades assumir o estatuto de adultos.”

Para Hall (2019, p.09) a emancipação tem algo a mais do que apenas uma relação discursiva somente; “ela também possui relação identitária especialmente nos momentos em que os jovens sinalizam por si uma crise identitária”, pois somente se torna questão quando seus “estágios”, ora fixos, são deslocados pela experiência da dúvida e incerteza. Do ponto de vista sociológico toda e qualquer identidade é construída (CASTELLS, 2003), isto é, como afirma Kaufmann (2004, p.206), quando diz que a “identidade como um processo de resistência e a mudança está marcada pela invisibilidade e pelo silêncio público.”

Na sociedade contemporânea, de fato, a juventude não é mais somente uma condição biológica, mas uma definição cultural. Incerteza, mobilidade, transitoriedade, abertura para mudança, todos os atributos tradicionais da adolescência como fase de transição, parecem ter se deslocado bem além dos limites biológicos para se tornarem conotações culturais de amplo significado que os indivíduos assumem como parte de sua personalidade em muitos estágios da vida (MITTERAUER, 1986; ZIEHE, 1991)

Para Melucci (2004) a noção de identidade é correlata ao tempo, aos movimentos sociais, a cultura, a contemporaneidade. Seu processo relacional e social assume a perspectiva da dialética em sua bagagem biológica e cultural em que o indivíduo se

molda diante do que ele vai nomeando nas circunstâncias.

Dubar (2009) porém, compartilha destas ideias e aborda o termo identidade com algumas denominações que vão desde o aspecto essencialista de pertença que se define e permanece na necessidade de agrupamento em categorias empíricas até a nominalista ou existencialista, que despida da essência é contingente na sua existência e depende de uma época.

A identidade como constituinte e processual no desenvolvimento dos sujeitos estreita sua relação com os processos de autoria, pois é considerando os aspectos formativos, a trajetória profissional que vai se delineando para os jovens a forma como a aprendizagem é conduzida e o que dela decorre como autoria pode ser compreendida se analisarmos a autoria do ponto de vista de sua origem. Ao campo da literatura, no entanto, a autoria ou “função-autor” para Foucault (2002), está e avança para o campo das discursividades políticas. Se o discurso dos sujeitos é proveniente de suas experiências “internas” (físico, sensorial e ou emocional) e se materializam em atos, podemos certamente afirmar que o discurso está para a materialização dos processos: seja no ensino e na aprendizagem, nas relações culturais e sociais, na constituição de sujeitos e de suas identidades.

Sua voz é ouvida com dificuldade porque fala do particular. A natureza precária da juventude coloca para a sociedade a questão do tempo. As pessoas não são jovens apenas pela idade, mas porque assumem culturalmente a característica juvenil através da mudança e da transitoriedade (MELUCCI, 2007, p.38). No texto “Moderno, demasiado moderno” (2001, p.41) Melucci contribui ao dizer:

As estas tareas hoy tan importantes se puede hacer frente también com la humildad y el coraje del trabajo de conocimiento que revelan las relaciones sociales dentro de los hechos, el sentido dentro de los comportamientos, el poder y la desigualdad dentro de las estructuras y las técnicas. (MELUCCI, 2001, p.41)

Estaríamos pensando contemporaneamente formações que respeitem os processos de construção da identidade do jovem e sua transição do ensino para o mercado de trabalho? Como se dá a relação de autoria nesse “novo” processo de aprendizagem? Desse modo, para pensarmos o conhecimento nos sentidos que o produzem e as qualificações dadas ao conhecimento que conceitos promovem ou atravessam as formas de interpretar e de contextualizar as mudanças nos cenários da educação?

Nesta perspectiva (Freire, 2000) vai contestar a aparente neutralidade do “novo” e da forma invisível em que tais mudanças são propostas, pois há também nesse modelo de educação formas “inteligíveis” de domesticar para dominar. É nos espaços sociais e nos indivíduos que compõem estes espaços ou onde eles se inserem e na forma como ocorre sua inserção ao mundo do trabalho que estamos

buscando pensar a autoria. Criticamente tais questões suscitam formas de ação, exercem efeitos sobre instituições, “atualizando seu pensamento e organização, formando as novas elites. Mas, ao mesmo tempo, suscitam questões para as quais não há espaço”. Enquanto nós aplicamos e executamos “o que um poder anônimo decretou, os jovens perguntam para onde estamos indo e por quê.” (MELUCCI, 2007, p.42).

3 | CONCLUINDO...

Este trabalho trouxe momentaneamente algumas reflexões que consideramos extremamente interessantes de uma pesquisa em andamento que utiliza o documentário LEP, já explicitado, como instrumental para a análise, bem como entrevistas com estudantes de um curso de Pedagogia numa Universidade do oeste catarinense. Aqui o recorte privilegiou o ensaio teórico com a discussão acerca da constituição identitária, juventude, trabalho, autoria e silenciamento. Trabalhamos com um assunto de relevância e que avança fronteiras educacionais de outros países, que ora se apresenta superficialmente. De tudo, o que fica neste momento é compreender as implicações do ensino a partir das novas configurações de formação para a atuação dos jovens pedagogos. Por isso, a importância de entender os jovens sobre a forma de condução de seus processos formativos no exato momento em que inúmeros impeditivos podem vir a silenciar suas trajetórias acadêmicas e laborais. Parte do estudo como vimos foi acompanhado por recortes do documentário *La Educación Prohibida* (2012), que critica os ‘modos’ e os ‘moldes’ de se fazer educação espalhados pelo mundo.

REFERÊNCIAS

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1983.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades**: a interpretação de uma mutação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 21. ed. Trad. Laura Fraga de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

FREIRE, P. **A Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Trad. Tomás T. da Silva & Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- KAUFMANN, Jean-Claude. **A invenção de si**: uma teoria da identidade. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. Regina Novaes e Paulo Vannuchi (org.). Editora Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2004.
- LA EDUCACIÓN PROHIBIDA**. Direção: German Dóin; Veronica Guzzo. Eulam Producciones, 2012. Youtube (146 min.)
- MELUCCI, Alberto. **Vivencia y Convivencia**: teoria social para uma era de la información. Trad. Jesus Casquette y José Luis Iturrate. Col. Estructuras y procesos. Trotta, 2001.
- MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Trad. Maria do Carmo A. do Bomfim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: **Juventude e Contemporaneidade**. – Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284 p. – (Col Educação para Todos; 16).
- MITTERAUER, M. **Sozialgeschichte der jugend**. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1986.
- PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. 2.ed. Col. Temas Portugueses. Imprensa Nacional - Casa da Moeda: Lisboa, 2003.
- PAIS, José Machado. **Tribos Urbanas**. Cadernos de Sociologia, problemas e práticas. UFRJ, Rio de Janeiro, 2005, n.º 49, 2005, 53-70.
- PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, ANPEd, no 5/6, 1997.
- RAITZ, Tânia Regina. **Jovens, trabalho e educação**: rede de significados dos processos identitários na Ilha de Santa Catarina. 2003. 371f. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Porto Alegre, RS, 2003.
- ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei & PICCININI, Valmiria C. (2012). Contribuições das abordagens francesas para o estudo da inserção profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. jan.-jun. 2012, Vol. 13, n.º 1, 63-73.
- SPOSITO, Marília.; SOUZA, Raquel.; SILVA, Fernanda A. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. **Educação e Pesquisa**, v. 44, p. e170308, 1 jan. 2018.
- ZATTI, Alexandra Tagata; RAITZ, Tânia Regina. XIX ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO - XIX ENDIPE, 40., 2018, Salvador. **Anais [...]**. SALVADOR: UFBA, 2018. 5 p. v. 1. Tema: A educação/escola que temos e as “novas” proposições didáticas para a flexibilização do trabalho em LA EDUCACIÓN PROHIBIDA. DOI ISSN -2595-8852. Disponível em: <http://www.xixendipe.ufba.br/>. Acesso em: 2 out. 2019.
- ZIEHE, T. **Zeit vergleiche**: jugend in kulturelle modernisierung. Frankfurt: Juventa Verlag, 1991.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 85, 87

Acre 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 113, 114, 149

Adaptação escolar 84, 85, 87

Alteridade 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 243

Análise de conteúdo 25, 29, 33, 206

Aprendizagem pela prática 97, 102, 103

Aprendizagem significativa 123, 124, 125, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 138, 139, 213

Autoria 36, 49, 152, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176

C

Ciência 16, 42, 50, 52, 55, 56, 66, 97, 99, 100, 108, 109, 181, 182, 184, 187, 201, 202, 206, 207, 211, 220

Competências linguísticas 1, 4, 7, 11, 12, 171

Comunicação 6, 8, 9, 25, 26, 27, 32, 33, 34, 36, 37, 50, 51, 70, 78, 87, 91, 112, 114, 131, 174, 179, 181, 190, 191, 222, 225, 226

D

Didática profissional 97, 98, 99, 103, 104

Dinâmica da terra 15, 16, 17, 19

E

Educação de jovens e adultos 71, 72, 73, 78, 80, 82, 83, 113, 114, 194

Ensino 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 35, 36, 37, 41, 49, 50, 52, 55, 56, 59, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 129, 130, 131, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 161, 170, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 187, 189, 190, 191, 194, 195, 201, 202, 205, 206, 207, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 245

Ensino aprendizagem 64, 66, 69, 83, 88, 119, 180, 182, 183

Escola acessível 85

F

Ferramenta didática 88, 89, 91, 94

G

Gamificação 35, 37, 38, 39, 48, 49, 50, 51

Gamificação no ensino superior 35

H

Horta 149, 150, 151, 152, 153

I

Identidade 27, 79, 124, 126, 128, 143, 144, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 214, 215, 218, 219, 230, 231, 235, 237, 238, 239, 240, 243, 244

Inserção social 1, 6, 56

J

Jogo digital 67, 123, 124, 125

Jovens 50, 69, 71, 72, 73, 74, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 89, 113, 114, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 194

L

Literatura infanto-juvenil 140, 141, 142, 145, 181

M

Maquetes 15, 16, 17, 18, 19

Matemática 44, 55, 83, 96, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 151, 152, 180

Metalografia 97, 103, 104

Metodologias ativas de ensino 97, 102

N

Novos saberes 123, 124

O

Oralidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 34, 220, 221, 223, 224, 225, 226

P

Paródias 15, 16, 17, 18, 21, 22

Perfil de alunos 71, 73, 78, 80

Pesquisa ensino e aprendizagem 149

Projeto de aprendizagem gamificado 35

Q

Queimadas 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Química 50, 55, 57, 70, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 107, 123, 126, 139

R

Rádio 25, 27, 28, 29, 32, 33, 34

Região dos inconfidentes 71, 73, 75, 79

S

Sala de aula invertida 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96

Seleção de materiais 97, 99, 100

Semiárido 25, 26, 30, 31, 32, 33

Sentidos 28, 105, 107, 109, 143, 144, 145, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 175, 228, 234

Silenciamentos. 171

Simple soroban 113, 114, 117

Sociedade 3, 5, 6, 7, 8, 10, 13, 16, 26, 32, 38, 42, 52, 55, 56, 57, 61, 75, 89, 94, 122, 131, 136, 138, 141, 143, 145, 147, 155, 167, 169, 170, 172, 174, 175, 177, 182, 184, 187, 204, 206, 210, 211, 212, 220, 221, 223, 227, 235, 242

Spot 25, 28, 29, 30, 31, 32

T

Tecnologia 21, 23, 38, 39, 47, 50, 51, 52, 55, 56, 58, 66, 68, 69, 70, 90, 95, 113, 114, 117, 118, 119, 120, 133, 190, 202, 213, 220

Tecnologia da informação 114, 213

Trabalho 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 25, 26, 28, 42, 43, 45, 50, 51, 52, 56, 57, 62, 66, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 88, 89, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 108, 113, 114, 115, 117, 118, 121, 125, 126, 129, 136, 140, 149, 150, 151, 152, 155, 166, 169, 170, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 195, 196, 204, 210, 212, 213, 214, 222, 226, 236, 239

Tradução intercultural 140, 142, 145, 147

Transdisciplinaridade 50, 149, 150

V

Vídeos 15, 16, 17, 18, 21, 22, 35, 56, 63, 92, 93, 94, 152, 183

